

O insólito Tempo Presente

Ana Maria Dietrich
Editora-chefe



Acompanhar o Tempo presente sem parecer que - com olhares anacrônicos - perdemos seu ritmo, sua direção e velocidade - é desafio constante para a *Contemporâneos*. Lidar com diferentes sujeitos e objetos para tentar sistematizar uma imagem, mesmo que efêmera, desta contemporaneidade que vivemos, parece algo que tão logo se substancializa, se evapora. São novas fontes, novas vozes que se alternam, novos conceitos que se significam e ressignificam no

dinamismo do agora.

Tivemos que fazer escolhas neste emaranhado de questionamentos que a nova História nos propõe a todo momento. Do ponto de vista de fontes e diferentes abordagens, sobressaiu-nos o cinema e suas múltiplas relações dialógicas, conceituais e metodológicas com a História. Os autores do dossiê *Cinema e História* não foram nem um pouco modestos para explorar a riqueza deste feliz casamento. Karla Martins, nossa autora convidada, partindo do filme *Agonia e Êxtase* analisou de forma detalhada a obra de um dos cânones da História da Arte Ocidental, Michelangelo.

Já Ana Maria Amorim e Tânia Rosim foram ousadas ao questionar o conceito de liberdade e os limites obtusos do capitalismo ao analisar o filme *Clube da Luta*. Edo Frago e Vinicius Marcondes foram longe em suas produtivas elucubrações. Compararam o polêmico *V de Vingança* com a HQ que deu origem ao longa-metragem e colocaram o dedo em uma das maiores feridas do século XXI, discutindo um novo conceito de terrorismo. Camila Pelinsari e Péricles Dias, em *A Queda!*, nos mostram o quão ativo pode estar o monstro do nazismo - questionando - dentro da visão marcferroriana - a produção deste filme na atual Alemanha dividida entre correntes memorialistas e correntes vitimistas, estas últimas acreditam que o país também sofreu com as atrocidades da II Guerra.

Na linha “oralidades e contemporaneidade”, privilegiamos também os saberes locais no *Especial Viçosa*. A História Oral serviu para a elaboração de narrativas e rememoração de fatos ligados a esta cidade como as tradicionais festas Nico Lopes. A cidade quase descampada aparece nas falas dos colaboradores e nas fotos dos anos 1950. Os locais de convívio – como cinemas – praticamente desapareceram e deixaram no ar só o clima de nostalgia “daqueles tempos”. Em *Memória de Avôs*, o leitor pode ler na íntegra as entrevistas elaboradas pela equipe de Sarah Martins – ela mesma fazendo parte das redes de colaboradores - e se deliciar com as histórias que os vovôs viçosenses deixaram a timidez de lado para contar.

Os artigos – reflexos da fragmentação do tempo e por conseqüência das narrativas – versam sobre diversos enfoques espaciais, culturais e cronológicos. A História da África, a Política da Boa Vizinhança dos Estados Unidos, os conflitos da Tríplice Fronteira, Direitos Humanos no século XXI e o Processo de Nacionalização no Brasil são os pontos de partida das reflexões dos autores provenientes de diferentes universidades no país. A multiplicidade se repete nas resenhas que versam sobre o universo feminino brasileiro nos anos 20, a II Guerra Mundial e os alemães ligados ao nazismo em São Paulo.

Trazemos também a seção *Opinião* bipartida entre o Brasil e a África, escolha nem um pouco ingênua e fundamentada particularmente no destaque à diversidade cultural e étnica de nosso país. Os alunos da UFV opinaram sobre aspectos cruciais da História do Brasil como a religiosidade; revisitaram Gilberto Freyre com o olhar do século XXI e, o mais importante, se analisaram como sujeitos deste país procurando encontrar elementos da



identidade verde-amarela. Ter “descendência de portugueses e escravos” – nas palavras de Paula Chaves, manter a esperança em meio à dor, alimentando uma “felicidade desdentada”, no falar poético de Eloah Monteiro foram alguns dos elementos citados.

Na seção *Educação e África*, Ângelo Assis discute e problematiza a Lei que torna obrigatório o ensino de História da África no ensino

fundamental e médio, enfatizando a importância de se ter profissionais especializados para isto se viabilize.

A equipe de *Contemporâneos* – composta por alunos do Departamento de Artes e Humanidades dos cursos de História, Jornalismo e Geografia - se esforçou para dar cor (no sentido literal do termo) para tais questões em seu trabalho de revisão, editoração e diagramação e design do site. O nr. 2 da *Contemporâneos* traz um visual mais arrojado. Abusa das tarjas multi-cores, de símbolos gráficos, há fartura de fotografias, de ilustrações e caricaturas: o céu foi o limite para a criatividade destes jovens editores. Queremos com isto que o leitor se sinta brindado com uma revista jovem, leve e dinâmica, mas não menos séria em suas abordagens.



Revista de História Contemporânea, n. 2, mai-out 2008.

A partir deste número, também foi inaugurada a seção *Articelistas Contemporâneos* – que será alimentada quinzenalmente e discutirá assuntos polêmicos relacionados ao Tempo Presente. Convidamos o leitor para colaborar com a revista – com artigos, resenhas – e também com sua leitura crítica, sempre bem-vinda nos nossos processos de aprimoramento.

contemporaneosufv@yahoo.com.br

www.revistacontemporaneos.com.br